

BETAR & ARTES & LETRAS



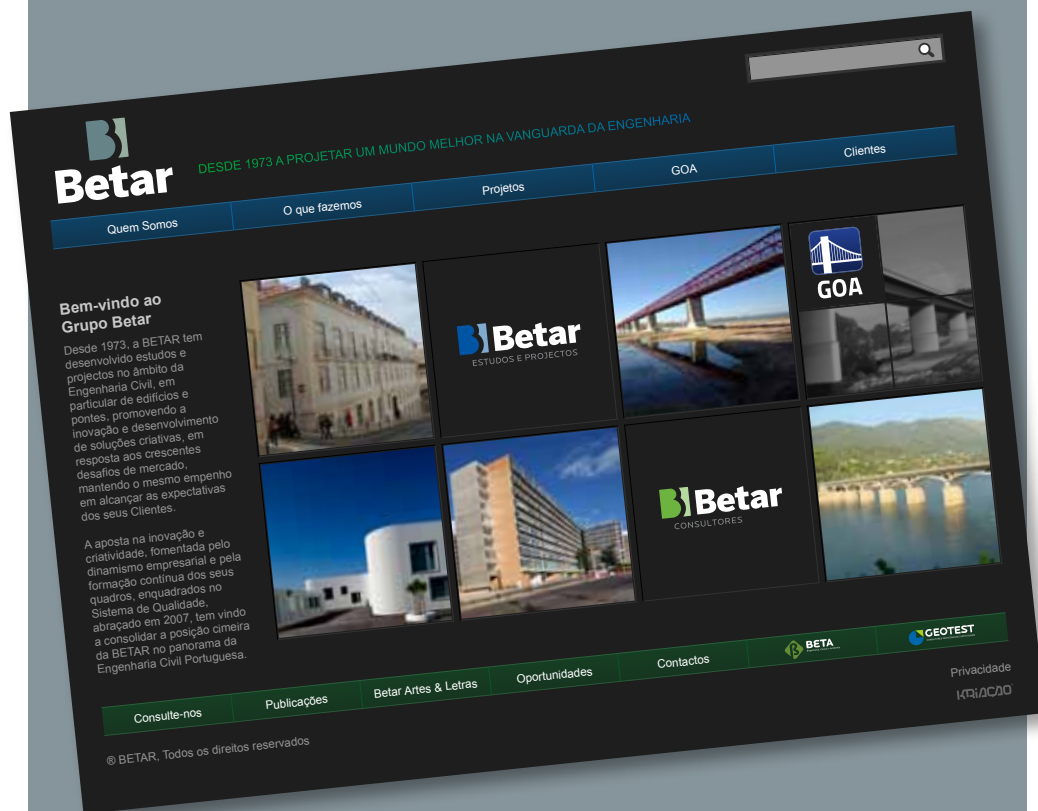
Lisbon & Estoril Film Festival

Vem cá a sexta edição do festival de cinema da capital

B
Betar

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



Novembro chega até nós bem recheado de propostas culturais, a todos os níveis. A Artes&Letras tentou selecionar as melhores e apresenta, neste número, eventos para todos os gostos.

A provar que este mês nos brinda com grandes acontecimentos, poderá dizer-se que esta edição tem dois destaques: os festivais de cinema Russo e Lisbon & Estoril Film Festival 2012, e o festival transdisciplinar Temps d'Images. Os primeiros trazem a Portugal o melhor cinema mundial e o segundo, o cruzamento das artes cénicas com as visuais.

No que respeita a concertos, pode escolher entre o estilo clássico de Rodrigo Leão e Lula Pena, ou o rock de Rui Veloso e The Black Keys. Prevêem-se salas esgotadas!

Em relação ao teatro, lamentamos só poder divulgar quatro peças, porque ficaram de fora muitas outras de grande qualidade. “Os desastres do amor”, “Gil Vicente na horta”, “O Ciclista” e “Ode Marítima” foram as que mereceram a nossa maior atenção.

Já nas artes, das duas mostras que apresentamos, uma incide sobre as temáticas da mulher, do mar e do jazz, e a outra sobre a obra de José Saramago.

No estrangeiro, realce para a mostra “Encontros com os anos 30”, no Museu Rainha Sofia, em Madrid, e também para duas exposições em Londres: uma apresentação da obra de Richard Hamilton, na National Gallery, e uma grande exibição sobre o período dos Pré-rafaelitas na Tate Britain.

O entrevistado desta edição é o arquiteto paisagista Luís Cabral que nos explica as principais diferenças entre a arquitetura de edifícios e a de paisagem.

MIGUEL VILLAR

‘A arquitetura que projeta edifícios pode encerrar um ambiente sem fatores externos, com iluminação e ar condicionado. Já no exterior é preciso conhecer profundamente os sinais da paisagem.’

O arq. paisagista

Luís Cabral.

Por Cátia Teixeira



Passeio do Lis, Leiria



Passeio do Lis, Leiria

Porquê a arquitetura paisagista?

Porque a arquitetura paisagista tem um universo global onde interagem as condições locais com a população que trabalha e gere a paisagem. É um trabalho com uma realidade em constante mutação, que exige adaptação, ou melhor, constante interação e compreensão das alterações e aspirações da sociedade em que vivemos, e dos processos com que age sobre o território, dos quais destaco a maior mobilidade e as alterações nas culturas agrícolas. Costumamos abordar um território a partir das potencialidades e vocações da paisagem, da valorização do património natural e cultural que procuramos aproveitar de modo inteligente para acrescentar qualidade à nossa vida, beleza onde vivemos, valor acrescentado à produção... Fascina-me a inesgotável diversidade de assuntos, interações, e escalas de trabalho. Cada sítio, com as suas características fisiográficas, ecológicas, e as populações que moldaram a paisagem criando uma identidade que, mal ou bem, reflete a resposta à forma de ocupação económica... ou ao seu abandono.

Que tipo de desafios coloca aos arquitetos este “ramo” da arquitetura?

Seguindo a sua designação, este “ramo” confronta os profissionais com a realidade, que descrevi, de uma paisagem que resulta da interação entre as condicionantes naturais do território e a forma como a sociedade atua sobre ele. Se uma intervenção está de acordo com o meio e as suas potencialidades, a paisagem será bela e próspera, caso contrário, degrada-se rapidamente. É necessário olhar sempre a médio/longo prazo, e não me refiro só ao crescimento das plantas, mas também à forma como a meteorologia e outros os fenómenos naturais interferem com os materiais inertes. A maior diferença em relação à visão de quem exerce a arquitetura que projeta edifícios é que estes podem encerrar um ambiente sem ter em conta os fatores externos, com a iluminação e ar condicionado podem inventar um mundo quase independente do que se passa à volta. Já no exterior é preciso conhecer profundamente os sinais da paisagem, quer nos visíveis, quer nos que

não estão à vista, mas que são revelados por muitos sinais do território. Por exemplo, determinada vegetação diz-nos de imediato o tipo de solo, por vezes a geologia e o relevo, a que profundidade anda a água no freático, qual o regime de pluviosidade, e como varia a temperatura ao longo do ano. Tudo isto são indicações importantes para a escolha das soluções de projeto, quer dos materiais vivos, quer inertes.

Que tipo de propostas mais o cativam?

Todas as novas! Sobretudo se são de clientes com conhecimentos e abertura para aferir a adequação do programa que propõem à paisagem. Nada mais difícil do que persuadir um dono de obra que uma determinada ocupação não encaixa no território, e que a potencialidade do local dá indicações noutra sentido. De resto, todos os projetos de arquitetura paisagista são intervenções na paisagem para adequar a novos usos ou recuperações para estancar alguma degradação. Quando os desafios são diferentes, difíceis e novos, há



ENTREVISTA

potencialmente mais a aprender. Os programas das tipologias já estudadas são mais fáceis de fazer, porque temos mais experiência e estudamos o modo como a paisagem se adequa aos usos.

O que é que o costuma condicionar mais no desempenho da sua atividade?

A incompreensão dos conceitos e falta de abertura de alguns interlocutores, durante a evolução do projeto e da obra. Ainda os condicionamentos legislativos incompreensíveis que hoje há, nomeadamente no ruído, mobilidade, estacionamento automóvel, e outros, por vezes são interpretados pelas entidades de forma rígida e com pouco bom senso. A cidade medieval e orgânica de Lisboa, toda a Covilhã, grande parte de Coimbra, Lamego, Bragança, Amarante e tantas outras cidades não poderiam existir à luz duma interpretação restritiva dos regulamentos que não se adaptam à realidade e hábitos nacionais.

Sente que as pressões ambientais e sustentáveis estão a mudar a arquitetura e a forma dos arquitetos trabalharem?

Sempre houve pressões, já foram mais fortes e também já foram menores. Até a legislação vale o que vale. Noto melhoria nos autarcas, com quem reúno há mais de 30 anos, mas ainda há para todos os gostos e são todos humanos. Mas, como diz Daniel Innerarity, “Os políticos fazem mal o que ninguém faz melhor que eles”.

Acha que os seus projetos se enraizaram, tal como foram pensados?

Tenho o hábito de, sempre que tenho uma oportunidade, visitar os locais projetados, para perceber qual o seu estado atual, ver a degradação, identificar aspetos que não



Terreiro do Rato

funcionam como os materiais ou traçados mal formulados, e entender se o projeto teve a capacidade de se adaptar aos usos que foram dados anos depois. A perenidade ou não dos elementos estruturantes do espaço é um aspeto crucial que prezo especialmente... Para as árvores, só passados 5 a 10 anos é que os espaços começam a ficar como foram pensados. Agrade-me particularmente ver um espaço estimado e bem mantido após 10 anos, significa que a “população” o usa e gosta dele. No espaço público, os locais nem sempre são transformados por real necessidade, há por vezes modas ou vontades de autarcas em mostrar a sua autoria. Apesar de tudo, penso que a maior parte dos locais que projetamos amadureceram bem.

Há algum projeto que considere especial?

Quase todos os projetos têm algo especial. O resultado é por vezes surpreendente, por maior fotogenia, pelo empenho especial de um dono de obra, de um empreiteiro, de um encarregado, ou por outro conjunto de fatores felizes. Não tenho nenhum especial, tenho dezenas, por razões diferentes, e mesmo nesses há sempre algo a apontar que não correu como devia.

ARTES

No que respeita a exposições, a Artes&Letras destaca duas mostras muito interessantes. Uma sobre as temáticas da mulher, do mar e do jazz, e uma outra sobre a obra de Saramago

LOUNGE DE EXPOSIÇÕES DA MARINA DE CASCAIS

Off Topic Art

Até 9 de Dezembro

A exposição coletiva “Off Topic Art”, organizada pela AP – Arte Portuguesa, aborda três temas: o mar, a mulher e o jazz. Todos eles coniventes com a lindíssima Vila de Cascais. Nesta exposição podem ser apreciadas três sensibilidades artísticas diferentes na captação das emoções de três realidades também elas diferentes que ocupam uma posição singular na temática da pintura portuguesa contemporânea. A notoriedade histórica, a importância e projeção social da mulher, através dos tempos, é fonte de inspiração dos mais famosos artistas plásticos. O culto estético do Jazz também não se exceptua desta constatação. O Jazz é síntese de várias semânticas culturais. O mar tem-se revelado fonte de inspiração ao longo dos tempos, recriando uma visão imaginária muito própria da atmosfera ambiental e do sentido poético do artista.



FUNDAÇÃO JOSÉ SARAGAMO

José Saramago: a semente e os frutos

Até 31 de Dezembro

As sementes são, para além das origens de José Saramago, os manuscritos e os cadernos de notas e os trabalhos preparatórios dos seus romances, testemunhos da importância da leitura na formação deste autor universal. Os frutos são as centenas de livros de Saramago em edições nacionais e estrangeiras que conquistaram os leitores dos quatro cantos do mundo. Desenhos, fotografias, objetos pessoais, vídeos e recortes de jornais, revelam o persistente labor do Nobel da Literatura e o percurso de homem interventivo na vida política e social. Destaque para a reconstituição do gabinete de trabalho do escritor com a secretária de madeira, a máquina de escrever e os óculos do autor. Na parede, uma gravura emoldurada de Júlio Pomar: a primeira obra de arte adquirida por Saramago, assim que teve meios para tal.

Nos próximos dias, o melhor cinema mundial está por cá. O Lisbon & Estoril Film Festival e o Festival de Cinema Russo reúnem o que de melhor se faz no mundo da 7ª arte



Festival do Cinema Russo

CCB De 18 a 21 de Novembro

A Embaixada da Federação da Rússia em Portugal, o Ministério da Cultura da Federação da Rússia e o Centro KINOFEST convidam para o Festival do Cinema Russo no CCB, com a mostra de espantosos filmes de destacados realizadores que já se tornaram clássicos da cinematografia contemporânea. Na abertura do festival, depois de uma cerimónia solene com a participação de realizadores e de atores russos, roda “Amo-

te Moscovo”, onde 18 realizadores contam 18 histórias românticas sobre a cidade de Moscovo. Cada curta-metragem de 5 minutos mostra a filosofia do amor nas relações, nos encontros, nas separações. Mas a protagonista é sempre Moscovo. Dia 19 é a vez de “Slove. Ao Coração Mesmo”, de Yuri Staal, dia 20 passa o filme “Hipsters”, de Valeriy Todorovskiy e no último dia “Extravagancias”, de Livan Gabriadze. A entrada do festival é livre.



Lisbon & Estoril Film Festival

Cinema Monumental, Espaço Nimas, Cinema São Jorge, CCB, Cinemateca, Museu História Natural, Centro Congressos Estoril, Casa das Histórias e Casino Estoril Entre 9 e 18 de Novembro

Na sua sexta edição, o Lisbon & Estoril Film Festival mantém a qualidade da programação cinematográfica com filmes de autores consagrados e outros que vale a pena descobrir.

Exibirá em antestreia: “Operação Outono”, de Bruno de Almeida, “Amor”, de Michael Haneke, “The Master”, de Paul Thomas Anderson, e “Passion”, de Brian de Palma. O festival integra homenagens aos cineastas João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata, Monte Hellman, Lucretia Martel, e ao crítico Serge Daney.

A secção competitiva apresenta “Student”,

de Darezhan Omirbayev, “Sueño y Silencio”, de Jaime Rosales, “L’Intervallo”, de Leonardo di Constanzo, “Después de Lúcia”, de Michel Franco, “Winter, Go Away”, de um coletivo de dez jovens realizadores russos, “Low Tide”, de Roberto Minervini, “Der Glanz Des Tages”, de Tizza Covi e Reiner Frimmel, “Laurence Anyways”, de Xavier Dolan, “Children Of Sarajevo”, de Aida Bejic, “Rengaine”, de Rachid Djaïdani, e “Avalon”, de Axel Petersén. O júri é formado pelo ator Willem Dafoe e pela atriz Fanny Ardant, pelos neurocientistas António e Hanna Damásio e pelos músicos Alfred Bendel e Sonia Wieder-Atherton.

TEATRO

Este mês está recheado de excelentes peças de teatro. Infelizmente só podemos destacar quatro. A escolha foi difícil mas seleção merece toda a atenção. Aproveite a oferta de qualidade



Os desastres do amor

Felícia, uma viúva elegante e bem posta, madura e bem conservada, passa férias no Fortuna Palace, hotel de que é dona uma fada sua madrinha. Felícia quer ser feliz, honesta, e ao mesmo tempo encontrar o novo partido que resolva a sua situação económica. A madrinha prepara-lhe uma lição dolorosa que lhe mostrará como é o mundo, coisa que ela parece desconhecer. Cruzar-se-á com o deus Amor e com várias personagens daquele micro-mundo de ricos e parasitas que brincam aos deuses do Olimpo. Chega a haver vítimas: a Modéstia e o pobre “escort” de luxo a quem chamam Apolo, deus das Artes, são assassinados. Felícia aprende a resignar-se à desilusão. O amor não tem lugar naquele Fortuna Palace. É uma comédia que pareceria dos nossos dias se eles tivessem tempo e espaço para pensar nestas coisas.

Teatro da Cornucópia

De 1 a 25 de Novembro

Encenação: Luis Miguel Cintra

Interpretação: José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto, Luís Miguel Cintra, Nuno Nunes, Rita Blanco, Rita Durão, Sérgio Adillo, Sofia Marques, Teresa Madruga e Vítor d'Andrade.



Gil Vicente na horta

Esta peça, construída a partir de “O Velho da horta” e outros textos de Gil Vicente, é uma farsa onde se exalta a vitória da juventude contra a velhice e a morte, o espectador é colocado perante uma intriga engenhosamente construída. Um reencontro com a feira alegórica de personagens vicentinas, com as suas questões meta-teatrais, com o pensamento das sátiras e costumes. É uma peça de enredo, onde uma personagem é marcada pelo conflito entre a razão e o sentimento amoroso: “... morrer é acabar e amor não tem saída”. A partir do pesadelo do Velho, evocam-se ainda algumas das mais importantes obras de Gil Vicente, cuja intemporalidade é recuperada neste espetáculo popular, sagrado e profano que atravessa o tempo até aos dias de hoje com uma acutilante perspectiva sobre a sociedade contemporânea.

Teatro Nacional Dona Maria II

Até 2 de Dezembro

Encenação João Mota

Interpretação João Grosso, José Neves, Lúcia Maria, Manuel Coelho, Maria Amélia Matta, Alexandre Lopes, Marco Paiva, Simon Frankel e Bernardo Chatillon, Joana Cotrim, Jorge Albuquerque, Lita Pedreira, Luis Geraldo e Maria Jorge



O Ciclista

Maria João Luís encena e encarna Karl Valentin, autor maior da dramaturgia alemã e um artista que cria, fotografa, representa, filma e escreve enquanto a sua Alemanha atravessa duas guerras mundiais. Por não se conformar com a propaganda nazi à superioridade da raça ariana foi censurado e esquecido. Só a partir dos anos 70 é reconhecido como um dos maiores autores cómicos de sempre. Da vasta obra de Karl Valentin foram seleccionados vários textos para este espetáculo. A encenação encadeia uma sucessão de sketches com uma linha harmonizadora de pessoas a circular em pasteleiras e bicicletas da primeira metade do século XX, criando uma dinâmica fluente, onde cada cena se poderia passar numa qualquer rua de uma qualquer cidade ou aldeia, de um qualquer país. Uma peça recheada de um humor corrosivo e irreverente.

Chapitô

De 16 a 25 de Novembro

Encenação: Maria João Luís

Interpretação: Elsa Galvão, Maria João Luís, Pedro Mendes, João Fernandes



Ode Marítima

“Ode Marítima” é um dos poemas mais marcantes do heterónimo de Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, onde são expressas as suas ideias de força e agressividade, tão marcantes no seu período futurista. Esta obra é a prova máxima do poder da imaginação do Homem mas também da efemeridade desse poder. Depois da exaltação, da fúria e da descoberta, o corpo sai do sonho para a realidade de todos os dias. O que se propõe nesta criação é transpor para o teatro uma viagem de palavras e sentimentos. O conceito é muito simples: o público é exposto ao escuro da sala de teatro e, em certos momentos, invadido por pequenos apontamentos de multimédia, o que lhe permite viajar num delirante momento de sonho acordado, num magnífico exercício de descoberta do mistério pela linguagem poética, sentindo visualmente as palavras, tal como um leitor sente quando lê o seu livro.

Auditório Camões

De 15 de Novembro a 2 de Dezembro

Criação e versão cénica: João Rosa

Interpretação: Artur Assunção, Delfina Costa, Helena Duarte, João Pires Silva e Lurdes Vinagre

O mês de Novembro chega com excelentes propostas musicais. Algumas das maiores salas nacionais vestem-se de gala para receber grandes nomes da música portuguesa e estrangeira



Rui Veloso

Dia 10 de Novembro no Coliseu dos Recreios

CONCERTO

Rui Veloso dispensa apresentações. Considerado, por muitos, o pai do Rock português, iniciou a carreira em 1980 com o disco “Ar de Rock”. Desde então, não mais parou. A sua carreira musical de 32 anos, lado a lado com o letrista e compositor Carlos Tê, está recheada de canções incontornáveis na música portuguesa. Um concerto para rever sucessos antigos e temas atuais que toda a gente sabe trautear.



Lula Pena e Mû

Dia 20 de Novembro no Teatro Maria Matos

CONCERTO

Caetano Veloso disse uma vez que “Lula Pena é uma portuguesa de voz grave e violão eletrificado que canta como um poeta.” Partilhando uma cumplicidade intensa em palco, novos ritmos, respirações e silêncios, a liberdade das regras imporá jogos de improvisação que criarão momentos únicos e irrepetíveis, legitimando a razão pela qual esta colaboração acontece, exclusivamente, em cima de um palco.



Rodrigo Leão

Dia 27 de Novembro no Coliseu dos Recreios

CONCERTO

Esta é uma daquelas datas que merece reserva antecipada na agenda de qualquer apreciador sério de música. É a data em que Rodrigo Leão volta a pisar o palco do Coliseu dos Recreios, uma ocasião rara a que os admiradores deste celebrado compositor português sempre acorrem em massa. Ao seu lado, estarão convidados especiais como Beth Gibbons, Scott Matthew e Neil Hannon.



The Black Keys

Dia 27 de Novembro no Pavilhão Atlântico

CONCERTO

Neste concerto, a dupla norte-americana formada por Dan Auerbach e Patrick Carney, apresenta o seu mais recente trabalho “El Camino”, editado no final do ano passado. O estilo garage rock que os caracteriza começou a ganhar forma com “The Big Come Up” (2002) e foi sendo aprimorado com o passar dos anos. Um concerto irresistível que não vai querer perder.



Concertos em novembro por António Cabral

Para datas e horários consultar sites

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

www.musica.gulbenkian.pt

PIANISTAS A SOLO

Javier Perianes, Christian Zacharias, **Grigory Sokolov** e Evgeni Bozhanov. Os programas não fogem do habitual dos pianistas, mas estes intérpretes são excecionais.

ÓPERA

Transmissão do MET de Nova Iorque da ópera “The Tempest” (segundo Shakespeare) do compositor contemporâneo inglês Thomas Adès. É em Inglaterra um dos mais conceituados compositores da atualidade.

“A Flauta Mágica” de Mozart em versão de concerto pela Akademie für Alte Musik de Berlin, RIAs – Kammerchor, solistas e o maestro René Jacobs. Trata-se de um conjunto de músicos excepcional. Não percam de maneira nenhuma.

ORQUESTRA E CORO E ORQUESTRA

Coro e Orquestra Gulbenkian, solistas, maestro J. David Jackson no “Messias” de George Friederich Haendel - a obra prima de um dos maiores compositores da história da música.

Coro e Orquestra Gulbenkian e a maestrina Joana Carneiro na primeira audição do “Requiem” de António Pinho Vargas. Não percam a oportunidade de ouvir um compositor português. É um dever que temos para com a música, a nossa música.

Berliner Philharmoniker e o seu maestro Simon Rattle. Uma das melhores orquestras do mundo com um muito grande maestro num programa com Ligeti, Wagner, Debussy, Ravel e Schuman. Os bilhetes devem esgotar-se muito rapidamente.



TEATRO NACIONAL DE S.CARLOS

www.saocarlos.pt

A ópera “Don Pasquale” de Gaetano Donizetti; Coro e Orquestra do Teatro S. Carlos; maestro Carlo Rizarrri; intérpretes: José Fardilha (há largos anos a viver em Itália e há muito afastado do S. Carlos), Eduarda Melo, Yanni Yannissis, Mathias Vidal e Frederico Santiago. As oportunidades de em 2012/13 ver ópera são tão poucas que não deve perder esta.

CENTRO CULTURAL DE BELEM

www.ccb.pt

O pianista Marc-André Hamelin com um programa de Berg, Fauré, Ravel e Rachmaninov)

O Shostakovich Ensemble num programa francês: Debussy e Ravel.

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

www.metropolitana.pt

Concerto pela Orquestra Metropolitana com compositores das américas: J. Alvarez, P. Moncayo, E. Angulo, J.G. Heras, E. Toussaint e S. Revueltas. Maestro Jesus Medina. Oportunidade de rever, ou conhecer pela primeira vez, a boa música da América do Sul.

Nas férias de inverno, se o seu destino for Madrid ou Londres, eis algumas propostas interessantes ao nível da arte. Volte atrás no tempo diante de obras únicas e memoráveis



Museu Rainha Sofia

Encontros com os anos 30

Até 7 de Janeiro

Os anos trinta foram um período turbulento, com a ascensão dos governos totalitários e a migração constante de artistas de uns países para outros. Foi um período de agitação social, económica e política, marcado por sonhos utópicos. Esta exposição tem como objetivo apresentar esta década, baseando-se não só na narrativa de propaganda, mas também na forma como os artistas fizeram o seu próprio caminho numa atmosfera de crescente violência.

National Gallery

Richard Hamilton

Até 13 de Janeiro

Esta exposição traça um caminho intrigante, e muito pessoal, sobre a obra de um dos artistas mais influentes da Grã-Bretanha. Esta mostra estava a ser planeada pelo próprio artista até que a morte o impediu de a ver inaugurar. Composta por obras recentes, concebidas especificamente para a National Gallery, a exposição inclui trabalhos nunca antes vistos pelo público e apresenta as diferentes direções que a arte de Hamilton seguiu nas últimas décadas, quando a sua reputação internacional disparou.



Tate Britain

Pré-rafaelitas

Até 13 de Janeiro

Combinando rebelião, beleza, precisão científica e grandeza imaginativa, os pré-rafaelitas constituem o primeiro movimento da arte moderna da Grã-Bretanha. Esta exposição reúne mais de 150 obras, apresentadas em diferentes meios, como pintura, escultura, fotografia e artes aplicadas, que demonstram como os pré-rafaelitas eram avançados para o seu tempo. Liderada por Dante Gabriel Rossetti, William Holman Hunt e John Everett Millais, a Irmandade Pré-Rafaelita rebelou-se contra a arte do século XIX, derrubou a ortodoxia e estabeleceu um novo marco na pintura moderna e no design.

Em Novembro, a crise não é desculpa para não sair... no Porto, claro! Por Maria João Duarte

Música

COLISEU: “Skunk Anansie” (7), “Carminho” (9), “Pablo Alborán” (10), Ópera de Puccini “Gianni Schicchi” (17), “Concerto para violoncelo e orquestra” de Saint-Saëns (18), “Daniela Mercury” (22), “The Gift” (23), “God Save the Queen” (24), “Rodrigo Leão” (26), “Semper Fidelis” de J. Philip de Sousa (30), “Harlem Gospel Choir”, homenagem a Whitney Houston (3dez), “Cartas de Sevilha” (7dez). **CULTURGEST:** “Calhau!” (9), “Oren Ambarchi” (29). **PAVILHÃO ROSA MOTA:** “Luan Santana” (10). **CASA DA MÚSICA:** “Suites Barrocas, Concerto para cravo e orquestra em Lá maior” de Bach (6), “Variações sobre o Barroco” (9), “Sob o signo de Boulez” (13), “Percussão Tradicional Portuguesa” e “Novidades Sinfónicas” Filipe Pires (17), “Optimus Clubbing - Considerado” grupo de indie pop, “The Pains of Being Pure At Heart” (17), “Cowboy Junkies”, grupo canadiano de country e blues (19), “Quadquartet”, estética minimal (20), “De Gounod a Ravel” (23), “Mensagens de fogo” (27), “Danças Ocultas & Dom La Nena” grupo português e brasileira violoncelista-cantora (29).

Teatro e Ballet

TNSJ: “Missa dos Quilombos” de Milton Nascimento, Companhia Ensaio (8 a 11). **TEATRO CARLOS ALBERTO:** “Devagar” e “Cinco Nomes” de H. Barker companhia de R. de Carvalho (14 a 2 dez). **CASA DA MÚSICA:** Herman José (25). **TNSJ:** 3 coreografias de Anne Teresa De Keersmaeker pela Companhia Nacional de Bailado (15 e 16). **COLISEU:** “o Quebra-Nozes” pelo Russian Classical Ballet (28).

Exposições

JARDIM BOTANICO: “Insetos em Ordem” (até 22 dez). **SERRALVES:** “Noites Brancas, retrospectiva de Julião Sarmento (a partir de 24).

À descoberta do Porto

O Mosteiro de S. Domingos, construído entre 1239 e 1245 em estilo gótico primário foi alvo de sucessivas obras e alterações na sequência de 4 incêndios e várias ocupações (albergou o Banco de Portugal, a 1ª contrastaria do Porto, a Assembleia Municipal, um pólo de encontro de mercadores e a Companhia de Seguros Douro). Do antigo convento restou a fachada e arcada viradas para o Lg de S. Domingos. O “Palácio das Artes - Fábrica de Talentos” é um projecto da Fundação da Juventude que aí instalou ateliers, residências artísticas, laboratórios criativos, galeria de artes, um restaurante e 2 lojas e realiza, no último sábado de cada mês, as Feiras Francas.

E ainda...

CINEMA: BIBLIOTECA MUNICIPAL ALMEIDA GARRETT: ciclo dedicado a H. Bogart (18h30): “The Treasure of Sierra Madre” (13), “They Drive by Night” (14), “High Sierra” (22), “Key Largo” (29), “The Big Sleep” (5dez). **SERRALVES:** “O Sabor do Cinema”: EUA - “The Eternal Flame”, 1970 (18), França - “L’ambassade”, 1973 e “Tout va bien”, 1972 (25) República Popular da China - “Comment Yukong déplaça les montagnes”, 1976 e “24 City”, 2008 (2dez). **CONFERÊNCIAS:** “Ano França”, com a presença simultânea de franceses e portugueses de várias áreas (sociologia, sociologia,

Uma história familiar que reflete o rosto de um país é o tema dos dois livros que a Artes&Letras lhe sugere. Uma passa-se na China, outra em Itália. Duas obras recentes e já bastante cotadas



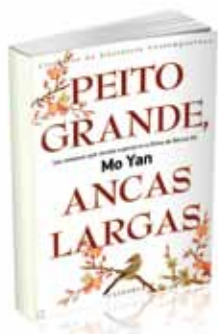
Mo Yan

Peito Grande, Ancas Largas

Esta obra, publicada na China em 1995, causou grande controvérsia, acabando por ser retirada de circulação. Num país onde os homens dominam, este é um romance épico sobre as mulheres. Sugerido no próprio título, o corpo feminino serve como imagem e metáfora ao livro. A protagonista nasce em 1900 e casa-se aos 17 anos. Mãe de 9 filhos, apenas o mais novo, é rapaz. Jintong é inseguro e fraco, contrastando com as 8 irmãs, fortes e corajosas.

Um romance que percorre e retrata a China do último século, através da vida de uma família em que os seres verdadeiramente determinados são as mulheres.

O autor, Mo Yan, Prémio Nobel da Literatura 2012, dirige um conselho aos leitores: “se quiserem, podem ignorar todos os outros meus livros, mas é obrigatório que leiam Peito grande, ancas largas. É um romance sobre a história, a guerra, a política, a fome, o amor e o sexo.”



Ulisseia, 2012



Sveva Casati Modignani

Um Dia Naquele Inverno

Numa grande mansão, às portas de Milão, vivem os Cantoni, proprietários, há três gerações, de uma prestigiada fábrica de torneiras. Aparentemente, todos os membros da família levam uma vida transparente mas, na realidade, todos eles escondem segredos que os marcaram; existem situações que, ainda que conhecidas por todos, permanecem um tema tabu. Omite-se até a loucura de que sofre Bianca, a matriarca desta dinastia. Um dia, Léonie Tardivoux, uma jovem francesa sem dinheiro, casa com Guido Cantoni, o único neto de Bianca. Léonie adapta-se à rotina familiar, compreendendo a regra de silêncio dos Cantoni. Na verdade, também ela cultiva o seu segredo, aquele que todos os anos, durante apenas um dia, a leva a largar tudo e a refugiar-se no Lago de Como.

Mais uma vez, Sveva Casati Modignani cativa o leitor com uma saga familiar que atravessa quase um século da História de Itália, dos anos 20 até aos dias de hoje.



Porto Editora, 2012

MAIS

O Temps d'Images completa 10 anos. O festival está de volta à capital e continua a apostar em cruzar as artes cénicas com as visuais. Eis algumas propostas a que pode assistir este mês



Até 20 de Dezembro

Festival Temps d'Images

O Festival Temps d'Images 2012 assume uma presença marcante na criação nacional unindo os mais relevantes programadores e instituições de Lisboa na construção do novo tempo das imagens e das imagens do novo tempo.

Nestes 10 anos, este festival ancorou-se na paisagem artística contemporânea, fazendo aparecer géneros e disciplinas, confrontando o real com as imagens projetadas no palco. Aqui as formas contaminam-se, as artes cruzam-se e abrem portas a propostas artísticas híbridas.

Uma vez mais, o Temps d'Images apresenta, em diversos espaços de Lisboa, peças de teatro, exposições, espetáculos musicais, performances e curtas-metragens que cruzam a imagem em movimento com a performatividade.

São Luiz

Anne Teresa: Dances Fado

Dia 28 de Novembro

Esta é uma curta-metragem, realizada por João Botelho, sobre o encontro entre a coreógrafa belga Anne Teresa de Keersmaecker e a cantora de fado Gisela João. Anne Teresa dança a voz de Gisela. À noite, no Jardim de Inverno do São Luiz. Na iluminação artificial, perto do claro-escuro, Gisela João e os seus dois músicos, guitarra e viola, fazem Anne Teresa dançar o fado.

Museu do Chiado

Present in Progress

10 e 11 Novembro

Present in Progress é um encontro entre a dança e a pintura. Juntos e ao vivo, pintor e coreógrafa dialogam. Ela move-se colada a uma tela branca. Ele está de pé em frente a uma mesa, câmaras de vídeo, tintas, pincéis, papéis... O movimento dela flutua entre as explosões de linhas e cores. O resultado é ora dramático, ora poético. Trata-se do cruzamento da dança, da pintura, do vídeo e da música, manipulados em tempo real.

Culturgest

O Lamento da Branca de Neve

Dias 9 e 10 Novembro

Este é um projeto que questiona, aprofunda e estabelece vínculos entre a poética da linguagem cinematográfica e o ato coreográfico. Olga Mesa parte desta relação para depurar a sua escrita artística: a coreografia e a mecânica da sensação, o fora de campo, a câmara cega, o corpo abandonado, os textos para (não) serem escutados.

Espaço Alcantara

Ozzzzz

Dias 17, 20 e 24 de Novembro

Ozzzzz propõe uma releitura do clássico "Feiticeiro de Oz", a partir de uma representação contemporânea do conceito de casa. Num espetáculo mais ou menos musical, Dorothy apanha um voo comprado em promoção no site da Ryanair. Sem data de regresso prevista, e apenas com bagagem de mão, evoca-se uma narrativa que recupera a imagem distante da casa e é traduzida pelo google translator em 19 idiomas simultaneamente.

Negócio ZDB

A Room Full of Dirt

De 21 a 25 de Novembro

Nesta peça de Carlota Lagido e Miguel Bonneville pretende-se recriar uma paisagem familiar e apresentar uma compilação de memórias de um planeta Terra idealizado. Um espaço silencioso e calmo, uma vitória sobre o Homem, ser que exige mudanças apenas para rejeitá-las. Esta peça é um monumento ao minimalismo, à simplicidade, onde o espectador responde com uma contemplação silenciosa.

Gulbenkian

Gerard Byrne: Imagens ou Sombras

Até 6 de Janeiro

Gerard Byrne apresenta-se pela primeira vez em Portugal com Imagens ou Sombras. Esta exposição é constituída por três grandes instalações e um vídeo que exploram os códigos da linguagem televisiva, problematizam e desmontam as fronteiras entre performance, televisão, teatro e cinema.



Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS
COM O ARQ. PAISAGÍSTA LUÍS CABRAL

TERREIRO DO RATO